

# As várzeas, um potencial ainda ignorado

As várzeas da Amazônia, um potencial de 20 milhões de hectares que até agora foi ignorado nos planos de desenvolvimento da região, poderiam dobrar a produção brasileira de alimentos, sem a exigência de fertilizantes: nessas terras de alta fertilidade, adubadas naturalmente pelos sedimentos orgânico-minerais dos rios de água barrenta ou branca — a versão brasileira do Nilo, no Egito —, podem ser conseguidas, em escala comercial, produtividades excepcionais de até 5 mil quilos de arroz por hectare — quase cinco vezes a média brasileira — e, na mesma proporção, qualquer outro alimento ou produtos hortigranjos, que a Amazônia ainda importa em grande quantidade.

Esse potencial, porém, vem sendo sub-utilizado. A tecnologia usada pelos agricultores é muito rudimentar: usam sementes inadequadas, fazem os plantios em épocas erradas, não fazem os espaçamentos certos e usam sistemas de clima temperado no trópico úmido. Usam geralmente menos de 3 ha e não têm título das terras; os produtos mais cultivados são a juta e a malva, para a produção de fibras, e em seguida estão a mandioca, concentrada principalmente próximo a Manaus, Tefé-Vari, Manacapuru, Itacoatiara, Parintins e ainda em cidades dos rios Purus e Madeira. As várzeas do Paraná, no médio e baixo Amazonas, são mais usadas para a pecuária.

Somente o estuário de Belém — 1,5 milhão de ha — poderia produzir todo o arroz necessário ao consumo interno brasileiro e gerar grandes excedentes, em até 3 safras anuais; somente com duas já seria possível ter 12 milhões de toneladas, com uma produtividade média de 8 ton/ha. Um outro produto, a mandioca, também tem grandes perspectivas: nas várzeas do Solimões existe uma variedade, conhecida por "zolidinha", que dá colheita em 4 meses — fato inédito, pois no Sul leva pelo menos 18 meses. Apesar disso, somente o Amazonas ainda importa 3 mil ton anuais da farinha desse produto.

As várzeas ficam inundadas pelas cheias dos rios de abril a julho, podendo, em alguns casos, ficar até agosto ou setembro. Por isso, os agricultores usam apenas os 7 meses sem enchentes. Este ano, no entanto, a Embrapa vai montar um experimento na Ilha Nova de Xiborena, a 90 minutos de barco de Manaus, para mostrar que é viável usar o chamado arroz flutuante no período de enchentes, muito conhecido na Ásia, que cresce acompanhando a água a qualquer nível que suba e somente espiga quando começa a vazante, sendo colhido em barcos.

Para os sete meses sem enchentes, já foram desenvolvidos sistemas de produção para agricultores com menos de 3 ha, que permitem a produção de 1.500 kg/ha no feijão e arroz — respectivamente variedades Ipean V-69, para plantio em agosto; e variedade Br-1, com proteção natural contra os pássaros, para plantio em novem-

bro — e 4.500 kg/ha no milho, com a variedade "piranão" (plântio de setembro a outubro). A seleção dessas variedades foi feita em experimentos da Embrapa na Ilha Nova de Xiborena. Os agricultores, porém, ainda preferem a juta e malva, por terem a melhor estrutura de comercialização; "os comerciantes vêm de barcos e balsas comprar toda a produção à beira dos rios", segundo Oscar Belém, produtor de juta há 8 anos na Ilha do Baixo, em Careiro-Am, às margens do Solimões.

Os trabalhos de pesquisa para desenvolver a agricultura da região visam inicialmente tornar a Amazônia auto-suficiente em alimentos, pois somente o Amazonas gastou o ano passado o correspondente a US\$ 30 milhões com importações de outras regiões. Em '76, por exemplo, importou mais de 95 mil ton de alimentos, entre os quais arroz, feijão, milho, tomate, carne, leite, farinha de mandioca, etc. Posteriormente, pretende-se tornar as várzeas amazônicas uma importante área para produção de alimentos no País.

A criação de búfalos é outra opção das várzeas e poderá revolucionar os sistemas tradicionais de produção pecuária no Brasil, pelas suas vantagens em relação ao bovino. Em 18 meses é possível ter búfalos com peso de 400 quilos prontos para abate — usando pastos de "Caravanas erecta lisa" e destinando todo o leite da fêmea para o bezerro —, enquanto o bovino leva mais de quatro anos para ficar pronto. A raça Murrah pode produzir até 2.500 Kg. de leite por lactação, enquanto a fêmea bovina não produz na região mais do que mil quilos. Segundo estudos do Centro de Pesquisa de Trópico Úmido, em Belém, a qualidade do leite de búfalo também é muito melhor que o da vaca bovina, chegando a apresentar 7,90% de gorduras contra apenas 4,19% nos bovinos; sólidos não gordurosos, 8,47 contra 7,41%; proteínas, 3,59 contra 2,43%; e minerais, 0,81% contra 0,70%. E o leite ainda tem micro-organismos. O rendimento industrial também tem vantagens; são precisos 8 litros de leite de búfalo para fazer um Kg de queijo, enquanto do bovino são precisos 12 litros. O mesmo para a manteiga: 12 litros contra 20.

Também no abastecimento de carne a produção da Amazônia é insuficiente para atender o consumo: o Amazonas, por exemplo, atende apenas a 15% de sua demanda. Por isso, a Zona Franca de Manaus está destinando 45% da área do seu Distrito Agropecuário, a 70 km da Capital, para a pecuária de corte e leite. A Embrapa, encarregada de desenvolver tecnologia para essa área, vem pesquisando sistemas de produção para bovinos e bubalinos com aptidão para a produção de carne e leite em terra firme. Segundo o técnico Ercl de Moraes, já é possível ter certeza de que mesmo em terra firme, desde que haja disponibilidade de água, o búfalo também tem rentabilidade maior que o bovino e a custos de produção menores.

## Um plano para as terras firmes

Para a chamada terra firme — situada após as várzeas e que representa mais de 90% da Amazônia — os técnicos estão recomendando culturas perenes e consórcios de alimentos. Levando em conta um modelo ideal para a ocupação da região, recomendam que se dê prioridade aos cultivos perenes nessas áreas, pois são os que mais se aproximam das condições naturais, tendo, portanto, a menor repercussão sobre o meio ambiente.

Entre as culturas perenes, despertam maior interesse na Amazônia a seringueira, cacau, pimenta-do-reino e, em extrativismo, a castanha-do-Pará. Na Rondônia, o café também está entre as primeiras opções. Em seguida destacam-se o guaraná e dendê (que vem sendo introduzido principalmente em algumas áreas do Pará e Amazonas).

O guaraná chegou a ser considerado uma das melhores opções para os pequenos agricultores, mas como existem ainda poucos compradores e isto tem levado ao aviltamento dos preços, está havendo um grande desestímulo. Para melhorar as condições do seu plantio, a Embrapa já definiu um novo método de propagação — por galho —, que reduz em 1 a 2 anos o ciclo de produção, e está testando consorciação com frutas e alimentos, para reduzir o custo de implantação dessa atividade.

A pimenta-do-reino talvez seja o mais rentável, com uma remuneração próxima de Cr\$ 90 mil por ha/ano. Mas também tem uma grande limitação fitossanitária, a fusariose, que depois de alguns anos de produção começa a matar a planta. Agora estão sendo testadas novas variedades procedentes de

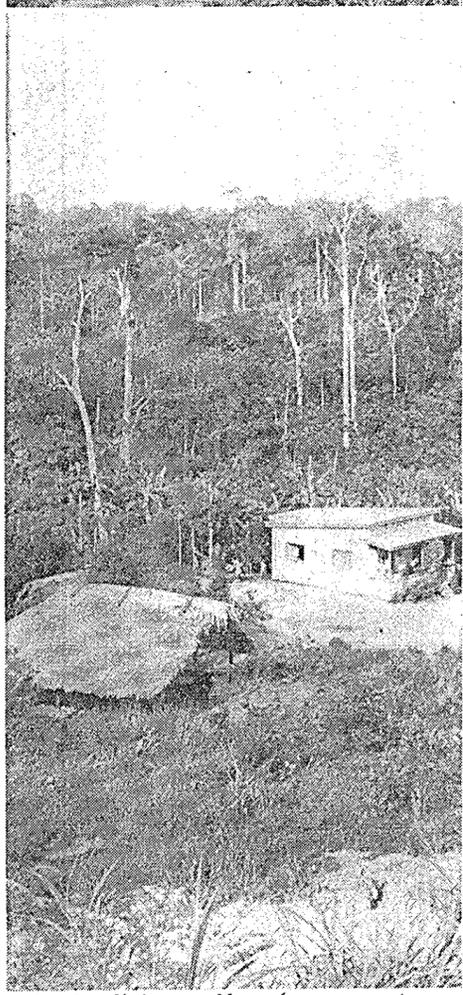
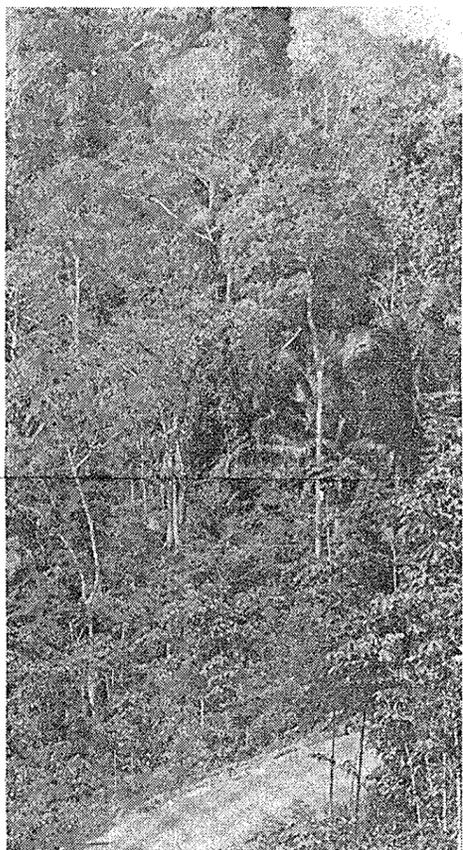
Cingapura, pare se desenvolver resistência à doença, e vêm sendo pesquisados métodos de controle, com o uso de radiações gama para obtenção de plantas mutantes resistentes.

O milho, arroz, feijão e mandioca são as culturas anuais mais plantadas, principalmente nos cultivos de subsistência da chamada agricultura itinerante — prática predatória através da qual os lavradores mudam permanentemente de áreas depois do cultivo intensivo durante 2 a 3 anos. Como os experimentos já revelaram uma eficiência dos consórcios de até 200% em relação às 'lavouras solteiras' e está comprovado que também ajudam a reduzir o ataque de pragas e doenças, os técnicos estão orientando que a produção de alimentos em terra firme seja feita em consórcio. Os produtores a serem utilizados nessas práticas e os sistemas de produção mais viáveis é que ainda estão sendo testados, em experimentos montados em Traquateua, Altamira e Capitão Poço, no Pará; e em Macapá, visando principalmente a corrigir as técnicas que vêm sendo usadas pelos agricultores.

No Amazonas, a Unidade Estadual de Pesquisa Agropecuária procura incentivar cultivos pouco mais tecnificados de alimentos, mesmo para terra firme, para atender a grande demanda da população de Manaus; que em 13 anos já aumentou em mais de 400 mil habitantes. Com base em resultados de pesquisa está orientando que os agricultores façam aplicação de fósforo em até 50 kg/ha para melhorar a produtividade e também vem testando consórcios diferentes de arroz, mandioca, milho e feijão para cultivos maiores.



Só o aproveitamento das várzeas da Amazônia poderia dobrar a produção brasileira de alimentos



Em Rondônia, o problema é o escoamento

## Rondônia, terra do futuro

A Rondônia, na chamada região de terra firme, é o maior potencial da Amazônia e poderá transformar-se a curto prazo numa das principais áreas agrícolas do País. Rondônia tem algumas vantagens para chegar a essa situação: desempenho em cacau talvez até melhor que a Bahia, provavelmente uma área de escape contra o temível "mal das folhas" da seringueira e uma produtividade de café maior que o Paraná.

A melhor área para agricultura, considerada o celeiro agrícola do Território, estende-se de Ariquemes a Cacoal, com solos de boa fertilidade. De Guajará-Mirim a Ariquemes os solos são fracos e a região está sendo mais usada para pecuária e tem como opções menos rentáveis a seringueira e o arroz. De Cacoal até a divisa do Mato Grosso os solos são de média fertilidade — inclusive com a penetração de cerrados num trecho às margens da Br-364 — e a área também mais usada para pecuária ou grandes fazendas (existem af os projetos de colonização do Inca lotes maiores, com módulos de 2 mil ha, vendidos por oferta pública). Nessa região há uma área de grande fertilidade com solos de terra roxa que entra no Vale do Guaporé desde o Norte do Mato Grosso, conhecida por Colorado. Outra área bem distinta, o Alto Guaporé, caracteriza-se pela existência de várzeas num total de 1 milhão de ha.

Ouro Preto é a principal região agrícola do Território, com 60% da produção total, colhendo, somente em pequenas propriedades, 224 mil sacas de arroz, 170 mil de milho, 40 mil de feijão, 5 mil de café, com produtividades consideradas muito boas: respectivamente, de 1.800, 1.700, 300 e 40 sacas por ha. As marcas da colonização intensa já são bem visíveis nas áreas mais férteis: as clareiras abertas na mata são constantes em grande parte do Território e muitos agricultores infringem a legislação vigente que exige a manutenção de 50% da área em mata.

### CAFÉ

Enquanto nas regiões cafeeiras tradicionais a produção só começa aos 4 anos, em Rondônia já é possível obter-se uma grande safra com apenas 2 anos — numa área experimental da Embrapa, cafeeiros dessa idade, Catuaf e Mundo Novo, produziram este ano 60 a 70 sacas por mil pés, o dobro da produtividade brasileira. Na Fazenda Castanhal, em Cacoal, a 453 km de Porto Velho, os primeiros cafeicultores do Território — Clodoaldo Nunes e seus filhos André e Damião — também vêm obtendo produtividades semelhantes em lavouras comerciais e ainda não ficaram nenhum ano sem ter produção nos seus cafezais mais antigos, agora com 14 anos, que nunca foram adubados e continuam produzindo pelo menos 60 sacas por mil pés.

Galhos caídos de tanta carga, árvores altas em consequência da grande pluviosidade da região, mas com vigor que raramente pode ser visto nas lavouras do Sul, depois da sucessão de diversos problemas sérios como geadas, secas, ferrugem e "bicho mineiro", são uma constante na área cafeeira do Território.

Apesar desses resultados, o IBC ainda insiste em não reco-

nhecer Rondônia como região cafeeira, aberta à concessão de financiamentos para implantação de lavouras, alegando principalmente que não existe altitude. Por isso, os cafeicultores são obrigados a implantar os cafezais arábica com recursos próprios. O Território tem atualmente 15 a 16 milhões de pés, que produziram 4.489 ton em '78 — produtividade média de 2 mil Kg/ha — e estão previstas 8.978 para este ano. Embora a viabilidade do cultivo desse produto já esteja comprovada, a Embrapa instalou experimentos para conhecer melhor o desempenho da atividade e verificar o desenvolvimento e produtividade de linhagens de café arábica, robusta e híbridos, espaçamento, adubação, comportamento da ferrugem e seu controle em função do clima local. O objetivo é, em 4 a 5 anos, ter informações precisas sobre os cultivares, espaçamento e adubação adequada e o conhecimento da época e frequência da aplicação dos tratamentos contra a ferrugem.

### SERINGUEIRA

Os pesquisadores acreditam que a Rondônia seja realmente uma área de escape contra o "mal das folhas" — principal problema dos seringueiros plantados na Amazônia. O ataque do fungo causador, o "microclíus ulm", é causado pela alta temperatura e umidade. Como o Território tem um período seco de 2 a 3 meses com precipitação de no máximo 50 mm, é possível evitar o seu ataque pois o fungo ocorre no período das águas e só causa prejuízos se surgir nos 6 ou 7 primeiros dias depois do lançamento das folhas novas. Isto, segundo William José Cury, chefe da Embrapa em Porto Velho, "assegura que a Rondônia é a região da Amazônia mais propícia para a seringueira". Até o final deste ano o Território estará com 907 ha plantados, concentrados principalmente nas pequenas propriedades. As plantações mais velhas têm 4 a 5 anos e somente começaram a produzir em pelo menos 2 anos — com o ciclo adiantado em 4 anos comparativamente com outras regiões produtoras.

### CACAU

Até agora foram plantados 17,5 mil ha de cacau, de um total de 100 mil previstos pelo Procauca até 1985, e as produções estão muito superiores ao estimado: 150.332 kg em '78, contra 108.750 kg estimados. O que se esperava produzir em 3 anos está sendo obtido aos 18 meses e com produtividades também maiores do que seria considerado normal: o Procauca estimou, por exemplo, que um café de 3 anos deveria produzir 10 arrobas, mas estão sendo obtidas em média 30. O potencial total de áreas para cacau na Rondônia é de 1 milhão de ha nos pólos cacaueiros já definidos de Ariquemes, Jaru, Ouro Preto e Cacoal.

O arroz ainda é o produto mais plantado. Como as altas precipitações fazem as plantações crescer muito, causando seu acamamento, estão sendo feitas pesquisas para obter variedades resistentes e verificar quais as épocas mais adequadas. Para o milho, segundo produto em área de plantio, pretende-se em 3 anos elevar a produtividade média de 1.400 para 2.200 kg/ha, com melhores siste-

mas de produção; e no feijão, de 600 a 700 kg, para ao menos 1.100 kg/ha. Até mesmo a soja está indo bem: em experimento montado em Ouro Preto, a Embrapa está obtendo produtividade de até 2 a 3 mil kg/ha e em 3 anos já será possível ter sistemas de produção mais adequados para as condições do Território.

Em 1978, a Rondônia tinha apenas 86.717 ha plantados com lavouras temporárias, principalmente arroz, milho, mandioca e feijão; 32.723 ha com lavouras permanentes; 82.186 ha em pastagens naturais e 189 mil ha com pastagens plantadas.

### DIFICULDADES

O grande potencial agrícola, entretanto, está limitado pelo sistema de comercialização precário e as dificuldades de acesso: quando os agricultores produzem, não têm como escoar, pois faltam estradas e as poucas que existem não dão condições de tráfego por 6 meses, exatamente quando são feitas as colheitas; e a remuneração pela produção é baixíssima, pois esse é o preço da impossibilidade de acesso cobrado pelos intermediários que dominam a comercialização.

Em Colorado, assim chamado pois os agricultores consideram o local como a terra da promessa, devido aos solos de alta fertilidade, a 750 km de Porto Velho, os agricultores no período de chuvas — dezembro a abril/março — precisam regressar à prática colonial do escambo: como não é possível safrem com a produção, trocam uma saca de arroz por um litro de leite em pó com os comerciantes, ou qualquer outro produto de primeira necessidade, devido à ausência de dinheiro. Com o isolamento de muitas regiões, chega a ser comum os doentes serem transportados a pé por até 80 km. "A gente vê a revolta na cara do pessoal — diz o ex-secretário da Agricultura, José Bezerra Modesto — pois a situação é dramática." No ano passado, a Secretaria da Agricultura recebeu informações de que em Felix Fleury, a 470 km de Porto Velho, os agricultores queimaram café, arroz e outros produtos, por não ter como escoá-los. Se toda a produção do Território pudesse ser escoada normalmente, o valor bruto poderia ser de Cr\$ 2,3 bilhões — mas foi de apenas Cr\$ 1,1 bi em 1978. Na banana, as perdas chegam a 70% em média todo o ano por falta de escoamento; no arroz, 20 a 60%. Em geral, admite-se que a Rondônia perde 40 a 50% de sua produção por falta de estradas.

Para se ter idéia do problema, no final de fevereiro um dos ônibus que faz a linha de Cuiabá a Vilhena, distantes 900 km, demorou 18 dias para fazer o trecho por causa das condições precárias da estrada — única ligação da Amazônia Ocidental com o Sul do País. "A BR-364 é o nosso grande problema. Quando for asfaltada, ninguém mais segurará a produção de Rondônia", diz o fazendeiro André Moreira Nunes. O governo do Território tem cada vez menos condições para cuidar das estradas, por falta de recursos; isto se agrava, pois o IBGE ainda considera a população em apenas 144 mil habitantes, enquanto na verdade é de 630 mil — como as cotas do Fundo de

Participação são inversamente proporcionais à renda e o Território aparece com a renda per capita das mais altas no Brasil, a disponibilidade de recursos se agrava cada vez mais, impedindo o melhoramento da infraestrutura para apoiar a ocupação que vem ocorrendo.

Os números oficiais revelam que em 1975 chegaram mais de 5 mil migrantes; em 1976, 15.025; 1977, mais de 12 mil e em 1978, 18.600 pessoas. Entre as principais regiões de procedência estão o Paraná, com 34,5%; Mato Grosso, 39,4% (mas uma parte desses colonos já tinha vindo do Paraná); São Paulo, 5,3%; Goiás, 5,1%; Espírito Santo, 4,8%; e Minas, 4,6%, além de outros Estados.

Se o Inca tivesse construído todas as estradas previstas para apoiar os 7 programas de colonização que está implantando em Rondônia, precisaria abrir mais 7 mil km, o que corresponde comparativamente, por exemplo, a todas as estradas asfaltadas e vitais para o escoamento da produção agrícola do Paraná. O ex-secretário de Agricultura, José Bezerra Modesto, diz que, no princípio da colonização, o Inca assumia tudo: escolas, estradas, saúde, etc. "Mas agora não tem dinheiro nem só para estradas. Atribuir responsabilidades, portanto, é difícil. Eu acho que a implantação da infraestrutura deveria ficar a cargo do governo do Território, que, para isso, precisaria de mais recursos".

O Inca assentou até o momento 20 mil famílias nos seus sete projetos na Rondônia: Ouro Preto (o primeiro e mais bem sucedido), Sidney Girão, Burairei, Marechal Dutra, padre Adolpho Rohl, J. Paraná e Paulo Ribeiro, em 7 milhões do total de 24,3 milhões de ha do Território. Outras 25 mil famílias estão aguardando assentamento, como invasores ou agregados em outras áreas.

"Colonização na Rondônia praticamente não existe. O que se faz é na verdade um loteamento. Faltou infraestrutura de apoio e uma política definida de que produzir e como produzir." Esta crítica, de um agrônomo de Porto Velho, põe em evidência a repetição dos erros que anteriormente o Inca cometeu nas agrovilas da Transamazônica. Como um modelo de ocupação concentrando toda a infraestrutura no núcleo central do projeto, fica marginalizada a maior parte dos agricultores, que acabam caindo na mão dos intermediários.

Por isso o novo governo do Território tem entre os seus planos descentralizar essa infraestrutura, distribuindo pequenos núcleos de apoio, com armazéns, assistência técnica, assistência hospitalar e cooperativas para a comercialização da produção e fornecimento de insumos, nas principais áreas de produção.

Entre ficar sem terra e receber a terra sem acesso, muitos agricultores estão preferindo receber a terra e improvisar acessos. Mas, para a carta de anuência que recebem do Inca se transforme em título de posse, eles têm que trabalhar a terra. Por isso, usando o corte feito na mata pelos agrimensores, eles mesmos estão improvisando o acesso e abrindo picadas maiores, algumas vezes em mutirão.